

A Tecnologia da Agricultura: campo de encontro entre agrônomos e etnólogos

François Sigaut (*In memoriam*)¹
Tradutor: Eduardo Di Deus²
Revisor Técnico: Jeremy Deturche³

¹EHESS, Paris, França

²Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil

³Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil

Resumo

Este curto e instigante artigo, publicado originalmente em 1975 na revista *Études Rurales*, toma como ponto de partida uma indagação fundamental: como o conhecimento técnico é elaborado, apropriado, transmitido, disseminado ou monopolizado? Para dar conta dessa questão, em especial no que tange à agricultura, o autor faz a defesa de dois pontos fundamentais: primeiramente, a consolidação de uma tecnologia da agricultura, entendida como uma ciência humana dedicada aos fatos técnicos desse campo; em segundo lugar, advoga pelo aprofundamento do diálogo entre etnólogos e agrônomos a respeito da complexidade e da diversidade dos fenômenos técnicos na agricultura. A tecnologia da agricultura, concebida como equivalente a uma etnociência dos fatos técnicos e como um campo de encontro entre agrônomos e etnólogos, abre caminho para que os sistemas agrícolas tradicionais e seus saberes técnicos associados possam dialogar com os saberes agronômicos.

Palavras-chave: Técnicas Agrícolas. Saberes Técnicos. Tecnologia da Agricultura.

The Technology of Agriculture: a meeting ground between agronomists and ethnologists

Abstract

This short and thought-provoking article, originally published in 1975 in the journal *Études Rurales*, takes as its starting point a fundamental question: how is technical knowledge to enter into dialogue with agronomic knowledge. knowledge elaborated, appropriated, transmitted, disseminated or monopolized? To address this question, especially in relation to agriculture, the author defends two fundamental points: first, the consolidation of a technology of agriculture, understood as a human science dedicated to the technical facts of this field; second, he advocates the deepening of the dialogue between ethnologists and agronomists about the complexity and diversity of technical phenomena in agriculture. The technology of agriculture, conceived as equivalent to an ethnoscience of technical facts and as a field of encounter between agronomists and ethnologists, opens the way for traditional farming systems and their associated technical knowledge. La technologie de l'agriculture. Terrain de rencontre entre agronomes et ethnologues.

Keywords: Agricultural Techniques. Technical Knowledge. Technology of Agriculture.

Recebido em: 03/12/2022

Aceito em: 23/01/2023



Este trabalho está licenciado sob CC BY-NC-SA 4.0. Para visualizar uma cópia desta licença, visite <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

1 A Tecnologia da Agricultura¹

“Para bem falar das técnicas, deve-se primeiramente conhecê-las. Ora, há uma ciência que delas trata, que chamamos de tecnologia e que não tem na França o lugar que lhe é de direito” (MAUSS, 1948). Passados 30 anos², essa constatação de Marcel Mauss não perdeu sua atualidade. A tecnologia sempre foi o parente pobre das ciências humanas. Quanto à tecnologia da agricultura, essa talvez esteja duplamente pobre. Em 1957, após ter apresentado na *Revue de Synthèse* um balanço geral das pesquisas e de suas perspectivas, Charles Parain (1957) destacou a falta de um plano abrangente e de investimentos. Hoje, quase vinte anos mais tarde, a situação pouco mudou (PARAIN, 1975). Embora tenha havido progressos inegáveis, o lugar da tecnologia nas ciências humanas não melhorou muito. Mais recentemente, em um colóquio realizado por ocasião da inauguração da Galeria Cultural do Museu de Artes e Tradições Populares, entre 11 e 13 de junho de 1975, uma reflexão proferida pelo curador de um grande museu provincial sobre “os caminhos batidos da tecnologia” mostrou o grau do mal-entendido que subsiste, mesmo nos meios especializados.

Agora, se de acordo com a fórmula vigorosa de Lynn White Jr. (1940, p. 141), o objetivo da tecnologia é nos fazer conhecer “a maneira como as pessoas fazem as coisas”, é claro que a tecnologia da agricultura ainda é essencialmente um campo virgem. Nós sabemos, é claro, muitas coisas. Mas nós ignoramos muitas mais, e para se convencer disso basta que se faça honestamente a pergunta: o que eu poderia fazer, com as ferramentas que existiam em tal ou qual região, em tal ou tal época? Nove em cada dez vezes, a resposta será: nada. É dessa constatação que devemos começar: que não sabemos quase nada de um corpo de conhecimento que foi, por oito a dez mil anos, a parte essencial do universo intelectual de quatro quintos da humanidade.

Tomemos um exemplo, o de uma técnica simples e banal à primeira vista, a semeadura a lanço. Esta se torna menos banal quando se observa que pressupõe um meio de enterrar rapidamente as sementes. Existem três destes meios: o arado, o pisoteio pelo gado e a grade. Todos os três implicam a existência de pecuária, o que leva à primeira hipótese de que a semeadura a lanço não pode ser anterior à domesticação dos animais. Além disso, como a grade surge tarde demais para ser levada em conta e como o pisoteio pelo

¹ Publicado originalmente em: François Sigaut, “La technologie de l’agriculture. Terrain de rencontre entre agronomes et ethnologues”, *Études rurales*, 1975, n. 59, p. 103-111, ©Éd. de l’Ehess, Paris. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/rural_0014-2182_1975_num_59_1_2059. Agradecemos ao setor editorial da Ehess, Paris, pela autorização para a publicação desta tradução.

² N.T.: quando da publicação dessa tradução já contaremos mais de 70 anos desde a publicação original do texto de Marcel Mauss.

gado, apesar de seu aparente arcaísmo, sem dúvida constituir apenas uma adaptação marginal, resta-nos então o arado. Ora, verifica-se efetivamente que a função primitiva e essencial do arado não é a preparação do campo, mas sim o enterro das sementes, semeadas na linha ou a granel (HAUDRICOURT, 1955, cap. 4). Tudo, portanto, leva a pensar que a invenção da sementeira a lanço implica a existência prévia do arado, o que torna esta técnica algo muito mais importante do que se poderia imaginar a priori. Por outro lado, a sementeira a lanço é uma técnica particularmente difícil de executar. Já foi uma das tarefas de maior prestígio na agricultura, uma tarefa reservada aos homens, e para homens maduros e qualificados. No entanto, o que sabemos sobre os processos exatos que foram usados? Por exemplo, semeamos com uma mão (a direita), com as duas mãos sucessivamente (a direita ao subir o campo, a esquerda ao descer), ou com ambas as mãos alternadamente (trocando de mãos a cada duas ou três passos)? É surpreendente perceber o quanto as fontes não falam sobre esse ponto. Existe, é certo, uma pequena literatura didática sobre a sementeira a lanço (PICHAT, 1846), mas ela não nos fala sobre as práticas efetivas das diferentes regiões da França e da Europa. Em suma, não sabemos quase nada sobre o que foi um elemento essencial na gênese e no desenvolvimento da agricultura euro-mediterrânea. A sementeira a lanço é o exemplo típico dessas técnicas cuja banalidade nos esconde sua importância e sobre as quais Lefebvre des Noëttes (1932, p. 572) escreveu “[...] que vivemos de alguma forma dessas aquisições, que a habituação invisibiliza e esconde seu valor”.

Marcel Mauss (1935), em “As técnicas do corpo”, havia mostrado claramente toda a fertilidade desse campo de pesquisa tão negligenciado que se constitui por coisas consideradas banais. É nas noções e nos gestos mais usuais, tão usuais que parecem “naturais”, que os condicionamentos culturais são os mais profundos e duradouros. A agricultura, por ter sido a ocupação de quase todos durante muito tempo, contribuiu mais do que outras técnicas mais especializadas para a formação dos mais profundos traços de comportamento. Ao opor as civilizações do inhame e da ovelha, A. G. Haudricourt (1962) mostrou a fecundidade do estudo tecnológico. Essa é também a base das questões marxistas, ainda que, como nos lembra P. Bonté (1973), o dogmatismo tenha impedido seu desenvolvimento. Além disso, o fato de que as relações entre o grupo social e seu ambiente passam necessariamente pelas atividades técnicas e pelos saberes que elas implicam, coloca a tecnologia numa posição chave *vis-à-vis* a geografia (é claro, por exemplo, que o problema artificial da alternativa entre determinismo e possibilismo pressupõe uma concepção mecanicista das relações³ entre o homem e o seu meio, que é exatamente o oposto do método tecnológico). No campo da história, finalmente, basta lembrar a brilhante intuição de Lefebvre des Noëttes (1932), mesmo que posteriormente os detalhes de suas teses pudessem ser questionados. Aqui está o que ele escreveu:

Durante milhares de anos, as ferramentas dos antigos permaneceram estacionárias e a sua insuficiência resultou, de fato, na má exploração dos recursos, na fragilidade da organização econômica, do capital e do crédito, em fomes periódicas e mortíferas. Minorias enérgicas e violentas monopolizaram a produção e mantiveram sua hegemonia por meio de privilégios cruéis e abusos sociais, o maior dos quais foi a escravidão. Esse é, nos parece, o segredo

³ N.T.: no original, *rapport*.

trágico da sociedade antiga, seu vício original e a causa raiz de sua corrupção. (LEFEBVRE DES NOËTTES, 1932, p. 598-599)

A lição não se aplica apenas à sociedade antiga, no entanto. As minorias enérgicas e violentas estão sempre presentes, prontas a lucrar com esta desapropriação dos homens de seus meios de vida intelectuais e materiais, dos quais a escravidão é apenas a forma extrema. Como o conhecimento técnico é elaborado, apropriado, transmitido, disseminado ou monopolizado? Não há questão mais importante, talvez, para entender a evolução e o porvir das sociedades. A tecnologia, é claro, não explica tudo. Mas sem ela corremos o risco de não conseguir explicar nada. A relativa negligência de que ela ainda é objeto dentro das ciências humanas é talvez uma de suas fraquezas mais sérias, porque, assim, estão isoladas de todo um conjunto de fatos significativos insubstituíveis. Isso é verdade quando se trata de compreender o passado. Talvez o seja ainda mais para entender o porvir que, com sua clarividência costumeira, ainda em 1940, Lynn White Jr. (1940, p. 141), pôde escrever: “Ao deixar aqueles que trabalham em oficinas e laboratórios esquecerem o passado, empobrecemos o presente e colocamos em perigo o futuro”.

2 Tecnologia e Epistemologia

Mas se a tecnologia pode ocupar uma posição chave nas ciências sociais, esse não é o seu único interesse. Haveria até mesmo um perigo bastante sério em se interessar apenas pelas explicações sociológicas que ele pode dar. Porque, neste caso, correríamos o risco de selecionar os fatos de acordo com um valor “explicativo” definido de fora e a priori, um argumento circular que inevitavelmente leva à esterilidade. Não faltam exemplos desse tipo de trabalho, em que uma coleção heterogênea de “fatos” tem a intenção de provar qualquer coisa e que ajudaram a desacreditar a tecnologia. Na realidade, a tecnologia é em si uma disciplina fundamental e, como tal, não precisa de nenhum álibi, sociológico ou de outro tipo. A atividade técnica é um dos campos privilegiados em que o pensamento racional é exercido e, portanto, a tecnologia é antes de tudo uma epistemologia. A análise dos saberes humanos, com o objetivo de reconstruir a sua gênese, evolução e disseminação, apresenta um interesse suficiente em si mesma, para que não seja necessário buscar outras justificativas (que existem, no entanto). Poderíamos até inverter a perspectiva, porque não é mais legítimo justificar a tecnologia por seu interesse sociológico do que justificar a sociologia por seu interesse tecnológico.

Este não é o lugar para discutir essas questões a fundo. Mas há pelo menos um ponto em que é necessário insistir, que é a independência do pensamento técnico em relação ao pensamento científico. Atualmente tendemos muito facilmente, visto que os desenvolvimentos da ciência e da tecnologia têm caminhado lado a lado por quase dois séculos, e porque várias técnicas modernas devem sua existência a descobertas científicas, a reduzir as técnicas ao nível de ciências aplicadas. Isso significa desconhecer sua originalidade. Claro, o pensamento racional é um, mas se tudo o que é científico é racional, nem tudo o que é racional é científico. A manivela, o estribo, o arado, a foice são ferramentas perfeitamente racionais, cada uma delas resultante de um longo processo de invenções cumulativas, mas a ciência não colaborou, nem poderia ter colaborado em

sua elaboração. Por milhares de anos, as técnicas progrediram por conta própria, e foi somente em meados do século XVIII que a ciência encontrou suas primeiras aplicações importantes.

Isso porque o pensamento científico é, antes de tudo, uma interrogação da natureza para compreender seus mecanismos, enquanto o pensamento técnico é uma combinação de meios com vistas a determinados fins. O raciocínio científico é geral, abstrato e desinteressado, enquanto o raciocínio técnico é singular (é contingente a uma situação particular), concreto e motivado. Mas não deve haver superioridade de um sobre o outro. O que faz o prestígio do pensamento científico é ter uma consciência explícita de si mesmo, e isso desde a sua origem: a cadeia não foi interrompida desde a descoberta da esfericidade da terra, por volta de 450 a. C., e nisso a história da ciência está contida na própria ciência. Ao contrário, o pensamento técnico ainda não adquiriu essa consciência de si mesmo, pois o raciocínio técnico sempre se desvanece atrás de seu resultado, que por sua vez cai no esquecimento assim que sua utilidade imediata desaparece. Um postulado basilar da tecnologia é que existe um caminho do pensamento técnico de invenção a invenção tão rigoroso, coerente e racional quanto o do pensamento científico de descoberta em descoberta. Porém, somos quase totalmente ignorantes com relação a este caminho. Enquanto durar essa ignorância, as técnicas permanecerão sendo consideradas receitas empíricas ou arbitrárias, o pensamento técnico permanecerá desprezado pelos intelectuais e existirá a dicotomia prejudicial entre trabalho manual e trabalho intelectual, entre design e execução, entre teoria e prática etc., que é a base de toda a nossa cultura. É tão impossível entender as técnicas sem conhecer sua história quanto entender o relevo da Terra sem apelar para a geologia. Está longe de ser a primeira vez que o valor epistemológico e, portanto, também pedagógico da tecnologia é assim afirmado (BRUNHES-DELAMARRE, 1973). Mas é preciso reconhecer que os esforços nessa direção tiveram bem pouco eco.

3 Tecnologia e Agronomia

Talvez não haja campo onde o pensamento técnico tenha mais importância e originalidade do que na agricultura. Os primeiros agrônomos, incluindo Duhamel du Monceau, estavam claramente cientes do valor do conhecimento dos agricultores de sua época. A ciência da época tinha pouco a oferecer a eles, de modo que buscavam progresso na análise e comparação desses vários tipos de conhecimento. Arthur Young é o representante mais conhecido desta escola de tecnologia comparada *avant la lettre*, e aqui está como ele afirmou seu princípio em 1786:

As práticas de agricultores sem instrução formal foram em geral desprezadas ou negligenciadas, e tendemos a imaginar que algumas regiões com melhor agricultura não têm nada que aprender com outras. Mas este é um erro sério. Acredito, pelo contrário, que mesmo as mais atrasadas têm práticas que merecem ser conhecidas, pelo menos posso assegurar que nunca visitei uma região onde não houvesse algo útil para as mais avançadas. Descobrir, recolher e trazer à tona essas práticas dispersas e desconhecidas, exceto para os habitantes de um distrito, é tarefa específica do viajante agrícola. (YOUNG, 1786, p. 331)

É a esta escola tecnológica que os agricultores flamencos, seguidos de ingleses, escoceses e escandinavos, devem o progresso que os tornou famosos nos séculos XVII e XVIII. Mas, já em 1780, o Abad Rozier representava outra escola, que pretendia construir uma teoria científica da agricultura por princípios. A primeira coisa a fazer foi naturalmente distanciar-se do saber existente, assim, o primeiro passo foi negá-lo: é a partir daí, sobretudo, que remontam as tais “rotina”, “inércia” e “ignorância” camponesa, acusações que tiveram crédito surpreendente até anos recentes. Porém, afirmar ser cientista não basta para sê-lo, e a escola teórica de Rozier não pôde contribuir de forma alguma para o progresso da agricultura. É a Liebig, e sua teoria mineral dos fertilizantes em 1840, que o nascimento de uma agronomia verdadeiramente científica remonta (DUMAS, 1965). As novas ideias abriram possibilidades tão grandes que sua popularização rapidamente se tornou uma tarefa prioritária. Quando foi fundado, em 1876, o Instituto Nacional Agronômico destinava-se ao “ensino das ciências, em suas relações com a agricultura”. E desde então, os agrônomos se especializaram mais ou menos no papel de fornecedores de ciência para a agricultura, por assim dizer. Este é o grande período da agronomia normativa.

É evidente que a aplicação da ciência à agricultura teve efeitos espetaculares. Nos últimos 150 anos, a produtividade do solo aumentou dez vezes, enquanto a do trabalho cinquenta vezes ou mais. Mas não é certo que esse progresso possa continuar indefinidamente no mesmo ritmo. Não é todo ano que descobrimos a teoria mineral dos fertilizantes, as leis de Mendel ou os hormônios vegetais, e não há evidências de que a ciência possa contribuir tanto nos próximos 150 anos quanto nos 150 anos passados. Acima de tudo, porém, a flagrante desigualdade de desenvolvimento entre os vários sistemas agrícolas mundiais mostra claramente que a aplicação de novos meios não é direta. Isso porque cada agricultura é uma combinação original de conceitos operacionais, meios e fins, onde as únicas mudanças possíveis são aquelas que são relevantes para o sistema existente. Nunca há uma adoção pura e simples, de certo modo mecânica, de elementos estranhos. Cada agricultura está condenada a inventar ela mesmo seu próprio progresso, e uma das condições necessárias é que o equilíbrio de poder entre agricultores e agrônomos não seja muito desigual. Foram a autonomia, a riqueza e o desenvolvimento pré-científico das grandes agriculturas europeias que lhe permitiram conservar a liberdade de inventar a que devem a sua atual superioridade, e é em resposta às suas próprias necessidades que se desenvolve, em grande medida, a agronomia moderna. Surge daí, em nossa opinião, a seguinte questão fundamental: até que ponto a agronomia moderna é científica e em que medida é apenas europeia? Embora seja verdade que os técnicos europeus servindo em territórios ultramarinos sejam em sua maioria “estritamente etnocêntricos”, que o “paraquedismo” de processos e máquinas do tipo industrial resulta no “bloqueio de qualquer iniciativa real” (RAULIN, 1973, p. 216-217), então devemos reconhecer que o problema não é apenas acadêmico. Somente a tecnologia da agricultura, se tiver oportunidade de se desenvolver, será capaz de resolver essa questão. E se esta análise estiver correta, talvez não seja exagerado dizer que a tecnologia da agricultura será para a agronomia hoje o que a linguística foi para a gramática.

4 Por um Encontro entre Agrônomos e Etnólogos

A tecnologia é, antes de mais nada, uma ciência humana. Mas a experiência mostra que não será capaz de se desenvolver enquanto as ciências humanas forem as únicas interessadas. É vital que os círculos agronômicos também se interessem por ela. O centenário do Instituto Nacional Agrônomo e os 150 anos da Escola de Grignon – dois estabelecimentos que se fundiram – serão comemorados conjuntamente no início de julho de 1976. Nessa ocasião, será organizado um encontro entre agrônomos, por um lado, e especialistas em ciências humanas, por outro, com o objetivo de mostrar tudo que os métodos etnológicos de observação dos fatos podem contribuir para um melhor conhecimento das técnicas agrícolas.

Não será um colóquio de pesquisa. A abertura necessária para um grande e diversificado público, bem como o pouco avanço dos nossos conhecimentos excluem essa possibilidade. O objetivo do encontro é mais didático do que científico, é de mostrar que a tecnologia pode dar respostas a este tipo de questões que todos deixamos para trás por não sabermos como respondê-las. Isso porque, de fato, o modelo normativo de comportamento tem um peso considerável nos círculos agronômicos. Não seria exagero muito grande dizer que o agrônomo recém-saído da escola sabe muito bem como as coisas deveriam ser, de acordo com as ideias vigentes no momento, mas que ele não sabe bem como as coisas se passam na realidade (embora isso provavelmente tenha sido menos verdadeiro nos últimos anos). O desconhecimento das técnicas, e em particular das técnicas antigas e tradicionais, não é fruto apenas de um desinteresse, de certa forma passivo, mas de uma verdadeira proibição. Essa proibição se manifesta no escárnio que atinge tudo o que parece “folclórico”, “desatualizado”, “anedótico” etc. (é difícil fazer os técnicos entenderem a natureza subjetiva desses qualificadores). Colegas nos confessaram o tipo de vergonha que eles tinham que superar para se interessar por essas questões, e esse é um sentimento que já experimentamos. Não podemos deixar de nos surpreender com o contraste entre essa intenção de rejeição que existe entre os técnicos e a intenção de continuidade que existe na ciência fundamental. É sem dúvida essa intenção de rejeição que explica, em parte, a ausência da tecnologia nos programas de ensino e pesquisa agrônômicos, ao passo que as ciências humanas (economia rural e sociologia rural) ocuparam seu lugar neles desde bastante tempo. Outra explicação talvez seja que certas tradições sociológicas consideram o homem, ao que parece, mais como um objeto um tanto passivo dentro de uma rede de forças coletivas que o transcende (DURKHEIM, 1960, cap. 1), do que como um agente inteligente de seu próprio devir. Um dos perigos do sociologismo para a tecnologia já foi apontado acima. Este, ao que parece, é um segundo.

O objetivo da reunião de julho de 1976 deve, portanto, ser especificamente técnico. Uma sessão de trabalho reunindo dezesseis personalidades do meio agrônomo e das ciências humanas, em 16 de dezembro de 1974, concluiu que era necessário definir um tema preciso. Daqueles que foram discutidos, um dos mais fecundos em relação ao objetivo preciso do encontro acabou sendo a evolução das concepções a respeito do trabalho do solo. Será, portanto, sobre este tema que se organizará a jornada de estudos que terá lugar nesta ocasião. Naturalmente, o tema não deve ser visto de forma muito restrita,

o que, aliás, estaria em contradição com o próprio espírito da tecnologia. Obviamente, é necessário partir de uma descrição tão precisa e exaustiva quanto possível da técnica em questão em cada caso. Mas isto não é o suficiente. É imprescindível destacar os elos entre a técnica estudada e todo o sistema necessariamente coerente ao qual ela pertence, acompanhando o mais longe possível as cadeias operatórias que constituem esses elos (R. Cresswell). Além disso, toda atividade técnica implica em conceitos subjacentes, que se devem tentar restaurar (ou, pelo menos, as interpretações artificiais que são facilmente substituídas nesta área devem ser destruídas). É interessante, a esse respeito, notar como as concepções técnicas são distorcidas pela assimilação que sofrem ao passarem de um grupo social a outro e, em particular, dos agricultores de uma determinada região para os agrônomos. Finalmente, o funcionamento e a evolução das técnicas podem dar origem a hipóteses explicativas complexas, exigindo a mobilização de muitas disciplinas especializadas, que se deve no mínimo tentar iniciar.

No entanto, uma reunião puramente oral – embora as apresentações e uma síntese das discussões que as acompanham possam ser publicadas – pode não deixar uma marca suficientemente duradoura. Portanto, parece necessário coletar e apresentar o máximo de informações possível em um só lugar. A esse respeito, pretende-se realizar:

- a) Uma exposição de livros, apresentando uma seleção (cerca de cem títulos) da bibliografia atualmente disponível no mercado sobre tecnologia da agricultura; quase todos, é claro, serão obras estrangeiras.
- b) Uma exibição de filmes, escolhidos de um repertório farto, mas pouco conhecido até mesmo pelo público culto, do cinema etnográfico (e talvez também, para certos títulos, comercial).

Além disso, exposições já produzidas em outros lugares poderiam ser apresentadas novamente nesta ocasião. Por fim, parece fundamental poder oferecer aos agrônomos um documento de referência global que sirva de introdução à tecnologia da agricultura. No estado atual de nosso conhecimento, poderia ser apenas uma apresentação comentada das fontes e da bibliografia desta disciplina, que seria publicada com as atas da jornada de estudos. Este documento está atualmente em preparação.

A organização da jornada de estudos e dos eventos previstos para a acompanhar é realizada no âmbito do grupo internacional “Ecologia e ciências humanas” da Maison des sciences de l’Homme⁴, dirigido por Jacques Barrau. Qualquer pessoa interessada pode, claro, entrar em contato conosco.

Historicamente, todas as ciências emergiram primeiro dos saberes que as precederam, negando-os. A agronomia não é exceção. Mas seu objeto é tão complexo que um ponto de vista excessivamente exclusivo não permite que todos os seus significados sejam exauridos. A agronomia essencialmente normativa, fundada na concepção polêmica e um tanto estreita de ciência aplicada que apareceu no século XIX, era uma necessidade histórica. Mas hoje, a negação do conhecimento a-científico não é mais tão necessária. Até se tornou prejudicial, especialmente em países onde a alteridade radical entre os conhecimentos tradicionais e as técnicas modernas tornou-se um grande obstáculo

⁴ Secretaria do Grupo Internacional “Ecologia e Ciências Humanas”: Maison des sciences de l’homme, 54, boulevard Raspail, 75270 Paris Cedex 06. Tel.: 544-38-49, ramal 242.

ao progresso. Já faz tempo que o estudo desses conhecimentos foi reconhecido como necessário: trata-se de etnociência – embora preferíssemos falar de epistemologia cultural. Um dos ramos mais importantes é a tecnologia da agricultura. É também um dos menos avançados, e a história das tentativas até agora feitas para promovê-lo mostra que não poderá se desenvolver até que os meios agronômicos participem ativamente dela.

O centenário do Instituto Agronômico Nacional, que será comemorado no início de julho de 1976, é uma oportunidade para organizar um encontro entre agrônomos e pesquisadores das ciências humanas para mostrar o que seus respectivos métodos, no espírito da tecnologia, podem trazer para um melhor conhecimento dos fatos técnicos da agricultura que sejam do interesse de uns e de outros.

Referências

- BONTÉ, Pierre. Pourquoi ce numéro ‘Spécial Ethnologie’? **La Pensée**, [s.l.], v. 171, p. 3-9, 1973.
- BRUNHES-DELAMARRE, Mariel J. André G. Haudricourt: recherche et méthode. **La Pensée**, [s.l.], v. 171, p. 10-23, 1973.
- DUMAS, Jean-Louis. Liebig et son empreinte sur l’agronomie modern. **Revue d’Histoire des Sciences et de Leurs Applications**, [s.l.], v. 18, n. 1, p. 73-108, 1965.
- DURKHEIM, Emile. **Les règles de la méthode sociologique**. 14. ed. Paris: PUF, 1960.
- HAUDRICOURT, André G. Domestication des animaux, culture des plantes et traitement d’autrui. **L’Homme**, [s.l.], t. 2, n.1, p. 40-50, 1962.
- HAUDRICOURT, André G.; BRUNHES-DELAMARRE, Mariel J. **L’homme et la charrue à travers le monde**. Paris: Gallimard, 1955.
- LEFEBVRE DES NOËTTES, Richard J. La nuit du Moyen Age et son inventaire. **Mercure de France**, [s.l.], n. 235, p. 572-599, 1932.
- MAUSS, Marcel. Les techniques du corps. **Journal de Psychologie Normale et Pathologique**, [s.l.], v. 32, n. 3-4, p. 271-293, 1935.
- MAUSS, Marcel. Les techniques et la technologie. **Journal de Psychologie Normale et Pathologique**, [s.l.] n. spec., “Le travail et les techniques”, p. 71-78, 1948.
- PARAIN, Charles. Les anciennes techniques agricoles. **Revue de Synthèse**, [s.l.], v. 78, p. 317-346, 1957.
- PARAIN, Charles. Ethnologie et histoire. In: CASANOVA, A.; JEST, C.; RAVIS-GIORDANI, G. **Ethnologie et histoire**. Paris: Éditions Sociales et PUF, 1975.
- PICHAT, Ch. **Pratique des semailles à la volée**. Paris: Éd. Mme Vve Bouchard-Hazard, 1846.
- RAULIN, Henri. Diffusion et blocage de cultures matérielles. In: RAULIN, Henri. **L’homme, hier et aujourd’hui**: Recueil d’études en hommage à André Leroi-Gourhan. Paris: Cujas, 1973. p. 207-218.
- WHITE JR., Lynn. Technology and Invention in the Middle Ages. **Speculum – A Journal of Mediaeval Studies**, Cambridge (Mass.), v. 15, n. 2, p. 141-159, 1940.
- YOUNG, Arthur. On a Method of Fattening Oxen in Limosin, France. In: AGRICULTURE AND OTHER USEFUL ARTS. Bury St. Edmunds, v. 8, p. 325-332, 1786. **Anais** [...]. Bury St. Edmunds, 1786.

François Sigaut (*In memoriam*)

Foi agrônomo de formação, que se tornou também etnólogo, historiador das técnicas agrícolas, tecnólogo e filósofo. Foi pesquisador na *Maison des sciences de l'homme, Equipe Technologie de l'agriculture*, diretor de estudos da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais – EHESS em Paris e fundador da Associação Francesa de Museus de Agricultura. Faleceu no ano de 2012, deixando um grande legado nas áreas de história e antropologia das técnicas agrícolas.

Eduardo Di Deus (Tradutor)

Professor adjunto da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (FE/UnB) e pesquisador do Programa de Pós-graduação em Educação – Modalidade Profissional (PPGE-MP/FE). Doutor em Antropologia pela mesma instituição, com as seguintes áreas de interesse: antropologia da técnica, aprendizagem, trabalho, ruralidades, relações humanos-plantas, educação ambiental.

Endereço profissional: Universidade de Brasília, Campus Universitário Darcy Ribeiro, Faculdade de Educação, Brasília, DF. CEP: 70.910-900.

E-mail: eduardodideus@unb.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9523-8844>

Jeremy Deturche (Revisor técnico)

Doutor em Etnologia pela Université de Paris Ouest la Défense (2009), com ênfase em Etnologia Ameríndia das Terras Baixas Amazônicas. Hoje está desenvolvendo uma pesquisa das relações cotidianas entre humanos e não humanos junto a criadores de vacas entre França e Brasil com um foco na antropologia da técnica. Professor na Universidade Federal de Santa Catarina é pesquisador do Coletivo de estudos em ambientes, percepções e práticas – CANOA – UFSC, do Instituto Brasil Plural – INCT – UFSC e do Laboratório de Antropologia da Ciência e Técnica – UNB.

Endereço profissional: Sala 116, Bloco D, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade federal de Santa Catarina, Campus Reitor João David Ferreira Lima. Trindade. CEP: 88040-900.

E-mail: jeremy.deturche@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4956-8719>

Como referenciar este artigo:

SIGAUT, François. A Tecnologia da Agricultura: campo de encontro entre agrônomos e etnólogos. Tradução de Eduardo Di Deus; Revisão de Jeremy Deturche. **Ilha – Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 25, n. 2, e92028, p. 145-154, maio de 2023.